



O Evangelho de Marcos e a literatura latino-americana do testemunho

The Gospel of Mark and the Latin American Literature of Testimony

Sidney Sanches

Docente na Faculdade Ipemig

Resumo: A partir dos anos de 1960, foi composto um cânon literário, na América Latina, chamado literatura de testemunho, cujo objetivo era dar voz aos que não tinham voz nas sociedades latino-americanas. Nossa pesquisa compara o Evangelho de Marcos com essa literatura, propondo que ele deve ser estudado como uma literatura de testemunho, dando voz aos que não a possuíam na sociedade sírio-galilaica da metade do século I. O diálogo hermenêutico entre as duas literaturas testimoniais dá a voz aos sem voz na América Latina de hoje, que enfrentam a alienação, a marginalização e a exclusão na atual conjuntura global. Seria o Evangelho de Marcos uma literatura de subalternos? Veremos aproximações com a literatura de testemunho na América latina.

Palavras-chave: Testemunho. literatura de testemunho. Evangelho de Marcos. América Latina.

Abstract: Since 1960's, was composed a literary canon, at Latin America, called literature of testimony, whose objective was give voice to the voiceless at Latin American societies. Our investigation compares the Gospel of Mark with this literature, proposing that it must be studied as a literature of testimony, giving voice to the voiceless, in Syrian and Galilee society at mid of century I. The hermeneutical dialogue between two testimonials literatures give a voice to voiceless in Latin America today, that faces the alienation, marginalization, and exclusion at the contemporary global conjuncture.

Keywords: Testimony. literature of testimony. Gospel of Mark. Latin America.

Introdução

O testemunho é um ato de comunicação de uma pessoa que diz algo a outra pessoa. Como um ato de fala ou de discurso é caracteristicamente oral. Através dele, uma pessoa pode fazer uma asserção sobre algo no mundo a outra pessoa de caráter cognitivo. Também, por meio dele, uma pessoa pode relatar uma experiência vivida a

Recebido em: 15 mai. 2024 - Aprovado em: 18 jun. 2024.

outra pessoa de caráter fenomenológico. Há graus diferentes de exigências para o testemunho, desde o menor grau até o maior. No menor grau, temos as asserções e relatos, ditos circunstancialmente no decorrer da vida cotidiana das pessoas, sem quaisquer condições para sua enunciação. No grau intermediário, temos as asserções e relatos que requerem o cumprimento de certas condições justificadoras de sua enunciação. No grau maior, temos as asserções e relatos que exigem quase exatidão absoluta nos âmbitos do jurídico, do religioso e da tradição cultural.

O fenômeno complexo do testemunho, na América Latina acabou por gerar ambiguidade e dificuldade na sua conceptualização. Isto se reflete nos diversos modos de identifica-lo: “novela-testimonio”, “testimonio”, “texto de não ficção”, “relato de testimonio”, “discurso memorialístico”, “literatura testimonial”, “narrativa testimonial”, “literatura de resistência”, “escritura testimonial”, “história oral”, “testimonio oral”, “discurso de testimonio”.

Somada à questão literária, serve para aumentar a dificuldade o enquadramento histórico do testemunho. São citados, como pré-literatura testimonial, os textos colombianos que relatam os encontros de representantes da Espanha colonizadora com o indígena. A partir dos quais, são elaborados relatos orais que, posteriormente, serão transcritos e publicados como crônicas e cartas de relação ou de relato oral. São eles: *Diario de Cristóbal Colón*, de Colombo; *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, de Bartolomé de las Casas; *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, de Bernal Díaz del Castillo; e *Comentarios reales de los Incas*, do Inca Garcilaso.

Reconhece-se que a literatura testimonial floresce na história recente da América hispânica, especialmente no período da Guerra Fria, e, contemporaneamente, na discussão do multiculturalismo e das identidades socioculturais. Por um lado, ele serve para fazer a revisão da história colonial, a partir da narrativa do Outro indígena, explorado e dominado, invisibilizado, como se não tivesse existido. O testemunho tem o objetivo de prover a redenção desse sujeito na História por meio da construção de uma contra-história. Por outro lado, o testemunho viabiliza a fala de indivíduos silenciados nos períodos de regimes ditatoriais civis e militares, quebrando a hegemonia de uma história oficial que, agora, podem dizer, a partir de si mesmos, da experiência real vivida nesse tempo.²

Contemporaneamente, o testemunho é uma atividade política de resistência às tentativas de mestiçagem étnica e hibridismo cultural como construção da identidade nacional. Ele reforça a importância das distinções multiculturais e multi-identitárias na constituição de co-identidades nacionais, respeitadas das diferenças e do lugar de cada uma delas nas sociedades em construção. Ele ajuda a formar as identidades individuais e coletivas de: classe, etnia, gênero, ofício, idade, sexual, que seriam, sem o testemunho, silenciadas e excluídas. Por meio dele, elas são trazidas ao espaço

² BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo. *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 13, 14.

público para assegurar sua inclusão e participação nos projetos de mudança e transformação das sociedades locais, nacionais, regionais e transglobais.³

Nossa investigação compara o Evangelho de Marcos com a literatura de testemunho latino-americana. Ele é tratado como um opúsculo ou pequena obra que reúne um repertório de testemunhos, composta com fins propagandísticos ou panfletários, para o conhecimento da missão do Ungido Jesus de Nazaré. Para isso, seu Autor agiu como um Editor de testemunhos, preservando a sua performance oral-aural quando eles foram colhidos, transcritos e publicizados. Ao fazê-lo, ele deu voz àquelas testemunhas que não tinham voz sob a condição de subalternidade social na qual viviam. Seus testemunhos falavam da esperança da vinda do Reinado de Deus trazido pelo Filho do Homem, que julgaria o mundo, seguido do bem-estar para eles.

Ambas as condições, o ambiente oral-aural e o fato de não possuírem voz na sociedade vigente, permite que os testemunhos marcanos sejam lidos sob a mesma ótica hermenêutica que nos é oferecida no testemunho latino-americano. Nesse exercício hermenêutico bi-testimonial, os testemunhos marcanos são discursos críticos que interpenetram o espaço no qual são lidos, modificam o modo de ver a realidade desde certo ponto de vista, o da testemunha, e põe em ação um plano de transformação histórica e cultural, social e política: o Reinado de Deus. Esse diálogo hermenêutico entre as duas literaturas testimoniais tende a dar voz e representatividade a novos subalternos na América Latina, que enfrentam a alienação, a marginalização e a exclusão atuais na atual conjuntura capitalista e cultural global.

1. A literatura de testemunho latino-americana como literatura de subalternos

Há três momentos na constituição moderna da literatura testimonial na América Latina. O primeiro, no governo revolucionário de Cuba para dar voz aos representantes da revolução. Este é continuado nas guerras contra-revolucionárias na Guatemala, El Salvador e Nicarágua, denunciando as violações dos direitos humanos pelos governos repressivos locais. O testemunho clássico desse momento é da indígena Rigoberta Menchú: *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (1983).⁴

O segundo é a organização das classes populares ou subalternas. O testemunho relata suas experiências de vida, geram uma consciência crítica da realidade local, mobilizam pessoas de fora à solidariedade com as testemunhas e a coletividade por elas representadas interferindo para sua transformação econômica e social. Os estímulos são dados, especialmente, na Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, nas Comunidades Eclesiais de Base, ligadas à Teologia da Libertação e na operacionalização de uma Teologia narrativa. Desse testemunho resulta uma ética e uma estética da conscientização. Naquela, o valor moral é dado à formação do conhecimento gerado em comunidade e na ação comum que resulta em transformação da realidade. Nesta, novas formas de participação na esfera pública são produzidas,

³ BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 15.

⁴ YÚDICE, George. Testimonio y conscientización. In: BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo. *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 222; DAVIDOVICH, Karyn. "Memorias en femenino: Testimonios de mujeres sobrevivientes de la dictadura argentina". Nashville: Graduate School of Vanderbilt University, 2014, p. 44-48.

com o fim de causar o impacto que mexe com as consciências adormecidas de sujeitos acomodados aos discursos hegemônicos, gerando novas políticas culturais de movimentação na esfera pública.⁵

O terceiro é o reordenamento democrático dos Estados latino-americanos após o fim das ditaduras civis-militares do Cone Sul (Argentina, Uruguai e Chile) e, também, no Brasil, desde os anos de 1980. O acerto de contas da sociedade civil com esse período de repressão se deu por meio da formação de Comissões da Verdade. Elas coletavam testemunhos das vítimas da ação do Estado ditatorial. A princípio, esse testemunho tinha caráter somente jurídico, fixado na produção de provas para justificar a quebra dos direitos humanos. Mais tarde, a partir dos anos de 1990, as testemunhas passaram a relatar, escrever e publicar suas memórias das experiências vividas resultando em uma abundante literatura testimonial.⁶

Temos, então, na formação da literatura testimonial, três agrupamentos de testemunhos. Há, todavia, uma distinção entre a literatura testimonial do primeiro e segundo momento, e aquela do terceiro momento. Nos dois primeiros, o testemunho é baseado nos relatos orais de indivíduos, normalmente iletrados que, como informantes, dão seu depoimento a um interlocutor letrado, que transcreve e publica o testemunho. No terceiro, o testemunho é dado diretamente pela testemunha, que domina também a sua escrita. No primeiro e segundo testemunho, a testemunha fala por uma coletividade e a experiência é compartilhada com o grupo. No terceiro exemplo, a testemunha fala de si mesma, ainda que seu interesse seja coletivo, porque deseja que todos saibam da sua experiência e se solidarizem com ela.⁷

Dentre os exemplos acima, os que servem para efeito de comparação com os testemunhos no Evangelho de Marcos, são aqueles do segundo exemplo. O testemunho em viva voz, de uma testemunha de um ou mais eventos que tenha presenciado ou experimentado pessoalmente, ou por outros familiares, vizinhos, amigos e conhecidos, do qual ele ou ela se faz o representante e o exemplo. Essa narrativa é disposta em uma sequência temporal, apontando as causas, desenvolvimento e consequências de um acontecimento. Tem o propósito de informar, denunciar ou dar a conhecer um assunto ou tema da realidade em que se vive ou se viveu. Conserva a memória linguística da época e do lugar, o tipo de linguagem, os modismos típicos da oralidade. Seu discurso, frequentemente, pertence a um grupo social marginalizado. Pode se converter em uma fonte histórica, pois documenta dados que podem ser utilizados com certo grau de autenticidade. A narrativa é apresentada a um interlocutor, que serve de receptor, transcritor e editor do testemunho, dando-lhe seu formato literário, e que se encarrega da sua divulgação para uma comunidade receptora letrada, solidária com a história de vida das testemunhas.⁸

⁵ YÚDICE, 2002, p. 226; Marrero Gómez, “Testimonios autobiográficos”, 48, 49.

⁶ DAVIDOVICH, 2014, p. 48-59; SELIGMANN-SILVA, Márcio Orlando. O Local do Testemunho, *Tempo e Argumento*, v. 2, n. 1, 2010, p. 11-18.

⁷ DAVIDOVICH, 2014, p. 56-59, 71.

⁸ BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 10; ACHÚGAR, Historias paralelas/ejemplares: la historia y la voz del otro. In: BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 62; Marrero Gómez, “Testimonios autobiográficos”, 68.

Um exemplo desse modelo de testemunho é o de Domitila Barrios de Chungara, boliviana, esposa de um trabalhador empresa mineradora do altiplano boliviano, mãe de sete filhos, e membra do “Comitê de Donas de Casa da Siglo XX”. Seu testemunho não é “somente como um problema pessoal. Isto porque penso que minha vida está relacionada com meu povo. O que me aconteceu pode ter acontecido a centenas de pessoas no meu país”.⁹ No relato de Domitila, temos uma intencionalidade explícita, uma disposição em dar testemunho, uma coragem em dizer o que viu e ouviu e expor ao juízo dos ouvintes. Não é uma fala de toda a vida, mas de eventos selecionados, julgados importantes em função do objetivo:

Quero falar do meu povo. Quero deixar um depoimento de toda a experiência adquirida através de tantos anos de luta na Bolívia, e aportar um grãozinho de areia como a esperança de que nossa experiência sirva de alguma forma para a nova geração, para a gente nova.¹⁰

Domitila chama seu testemunho de depoimento: “um relato de minha experiência pessoal e da experiência de meu povo que está lutando pela sua liberação”.¹¹ O motivo para falar, e não escrever, está na falta de letramento na língua estrangeira do país, o *espanhol*, e na oralidade da cultura original, *quéchua*, falada por ela e seu povo. É preciso fazer a transcrição da fala oral de uma cultura oral para a fala escrita de uma cultura letrada. É necessário que a interlocutora, no papel de mediadora, escreva o testemunho para os de fora, amoldada às exigências e cultura destes, todavia, procurando manter, o quanto puder, a fala oral e coloquial da testemunha.

Na obra utilizada, esse trabalho é feito por Moema Viezzer, educadora brasileira que “encontrou a mineira boliviana Domitila de Chungara e, a partir deste encontro escreveu esta obra ‘Si Me Permiten Hablar...’”. Ela detalha o processo de coleta e transcrição de testemunhos do seguinte modo:

O que apresento aqui não é um monólogo de Domitila consigo mesma. É o resultado de numerosas entrevistas que tive com ela no México e na Bolívia, de suas intervenções na Tribuna, assim como exposições, palestras e diálogos que desenvolveu com grupos operários, estudantes e empregados universitários, habitantes de bairros populares, exilados latino-americanos residentes no México e representantes da imprensa, rádio e televisão. Todo esse material gravado, como também alguma correspondência escrita, foi ordenado e posteriormente revisado com Domitila, dando origem ao presente depoimento.¹²

⁹ VIEZZER, Moema. “*Se me deixam falar...*” 15. ed. São Paulo: Símbolo, 2003, p. 45.

¹⁰ VIEZZER, 2003, p. 45.

¹¹ VIEZZER, 2003, p. 45.

¹² VIEZZER, 2003, p. 11.

O que temos são vários testemunhos de Domitila Barrios coletados em épocas e circunstâncias distintas por Moema Viezzer. Eles foram dados pessoalmente e em atuações em outros ambientes de diálogo. Meios físicos foram usados para transcrevê-los: gravador e papel. A ordem dos testemunhos, no livro, foi decidida pela autora junto com a testemunha, prevalecendo certo domínio da autora, que dividiu o livro em três partes. Como o livro se adaptou às circunstâncias concretas da publicação escrita, também os testemunhos de Domitila se adaptavam às muitas circunstâncias orais dos seus diversos públicos: “Sua forma de expressar-se em conversas pessoais é bastante distinta daquela que utiliza em discursos e intervenções em assembleias ou em diálogo com pequenos grupos. Isto explica a diversidade de estilo existente neste texto”.¹³

O esforço da autora, como transcritora e editora dos testemunhos de Domitila oscila entre preservar a linguagem “de uma mulher do povo, com suas expressões próprias, seus localismos e com construções gramaticais marcadas, frequentemente, pelo idioma quéchua, que aprendeu na sua infância”.¹⁴ A autora considerou primordial “para não desvirtuar este depoimento, permitir que fale uma mulher do povo, escutá-la e procurar entender como vive, sente e interpreta os acontecimentos”.¹⁵ Ao tornar-se livro, o testemunho penetra em outra realidade, até então inacessível, da gente culta e letrada. Ele pode circular o mundo, ser traduzido para diversas línguas, documentar e tocar as consciências das pessoas para que voltem sua atenção para o que acontece com os mineiros do altiplano boliviano e suas famílias e, ainda mais, atentar para as condições de vida de gente assemelhada em seu próprio país.

Conforme Viezzer, o testemunho e a obra que ele originou não pretendem uma análise de um período histórico da Bolívia, mas dar voz a um relato de alguém que “simplesmente narra o que viveu, como viveu e o que aprende”. Ao mesmo tempo, ele escapa à neutralidade, pois objetiva “continuar na luta que há de levar a classe operária e ao movimento popular a serem donos de seu destino”,¹⁶ capaz de habilitá-lo para a conquista de direitos, respeito e qualidade de vida na sociedade de seu país. Ele é falado desde dentro de uma parte da sociedade boliviana, pretendendo representa-la, que são os trabalhadores que fazem a extração do minério no altiplano boliviano, e, mais especificamente, quer ser um testemunho de vida da mulher de um desses trabalhadores, que represente todas as outras mulheres. O seu testemunho mostra outro retrato da realidade, contestador daquela que é comumente representada na narrativa governamental ou da empresa empregadora, que é contraditada pela fala de Domitila: “a propaganda do governo quer mostrar que temos uma vida folgada e, quando falam do mineiro, dizem que temos vivenda gratuita, água potável gratuita, armazém barato... Mas, quem quer que seja que venha a Siglo XX verá, por si mesmo, qual é a nossa realidade...”.¹⁷ É um convite a ver e ouvir através dos olhos e dos ouvidos de quem dá o testemunho.

¹³ VIEZZER, 2003, p. 11, 12.

¹⁴ VIEZZER, 2003, p. 12.

¹⁵ VIEZZER, 2003, p. 12.

¹⁶ VIEZZER, 2003, p. 12.

¹⁷ VIEZZER, 2003, p. 30.

A multiplicação desses testemunhos acabou por gerar o interesse dos estudiosos da Literatura latino-americana, que trataram de promover análises e uma teoria literária para acolhê-los e dar-lhes um estatuto canônico. A ideia é expor várias histórias de vida, reunidas umas às outras, a fim de apresentar um quadro da realidade latino-americana capaz de “desmontar uma história hegemônica, enquanto deseja construir outra história hegemônica para colocar em seu lugar”.¹⁸ Estes são seus traços principais.

No testemunho, temos um jogo entre *oralidade e escritura*. Como toda comunicação humana, ele é um texto oral, pré-literário e paraliterário, faltando a transcrição e o registro como escritura. Mesmo quando isso é feito, o texto oral, que dá voz à testemunha, sobrepuja o texto escrito, seja na maneira escolhida: a pessoa falante; seja no esforço da escritura em preservar o máximo possível a voz da testemunha. No máximo, a escritura concede ao texto literário a condição suficiente para ser lido por um público acostumado à leitura. Desse modo, oralidade e escritura se misturam e se fazem representar no mesmo texto literário. Cabe a este, a preservação da fala ou da oralidade, e a transcrição que dá legibilidade à escrita.¹⁹

A oscilação entre oralidade e escritura acaba por gerar ambiguidade, indeterminação, ambivalência, imprecisão, porosidade, que são características do gênero testimonial, impossíveis de situá-lo exclusivamente como gênero literário. O seu exercício mostra que se trata de uma prática discursiva, onde a testemunha e aquele que edita o testemunho, estão vinculados a determinada situação histórica, e objetivam falar desta a partir das condições próprias de vida da testemunha.²⁰ Como discurso, o testemunho propõe a vida da testemunha como um *exemplo ou modelo* a ser imitado, na denúncia dos excessos de poder, do sofrimento, da marginalização, etc. Ela contrapõe a sua verdade contra outra(s) verdade(s), negando um discurso centralizador, dominante e homogeneizador. Ao mesmo tempo, é uma verdade alternativa à(s) existente(s), uma vez que se coloca como a verdadeira história, a verdadeira humanidade, a verdadeira condição sob a qual a existência humana tem lugar.²¹

O discurso gera um *efeito de realidade e de verdade*. O efeito de realidade consiste na preservação da oralidade do testemunho original, sem a modificação ou tradução no testemunho escrito, que indicasse alguma interferência da testemunha interlocutora. O público verdadeiramente confia que o que está lendo corresponde diretamente ao que foi relatado e, este, corresponde à realidade conforme foi vivida. Dela decorre o efeito de verdade sustentado por um pacto de verdade, que antecede, segue e prossegue após a recepção do testemunho, sendo condição necessária para a sua veracidade e aceitação. Pode-se chamar esse efeito de plausibilidade da verdade, no qual se concede, de antemão, que são admissíveis aquelas condições de vida na experiência humana. Externamente, cooperam para essa expectativa as várias

¹⁸ ACHÚGAR, 2002, p. 62. Tradução livre do autor.

¹⁹ BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 22, 23; ACHÚGAR, 2002, p. 61; Marrero Gómez, “Testimonios autobiográficos”, 12-15. Tradução livre do autor.

²⁰ ACHÚGAR, 2002, p. 63.

²¹ ACHÚGAR, 2002, p. 71, 72.

instâncias que sustentam esse valor de verdade, dando autorização e autoridade ao testemunho: a confiabilidade da testemunha original e da comunidade representada, a credibilidade e preparo técnico da testemunha interlocutora, a adequação aos parâmetros estabelecidos para a autenticidade de sua enunciação e para o enunciado, a estrutura social e política interessada na sua divulgação.²²

O testemunho brota da *memória* individual, que não somente seleciona o que quer e o que interessa narrar, mas também elimina a barreira temporal do passado e do presente. Ele vale mais pelo seu efeito ético-estético, e sua função prática-exemplar, do que seu conteúdo cognitivo em termos de assertibilidade. Ele mais interpreta a realidade do que a descreve ou explica. Por outro lado, em alguns momentos da história, é essa memória individual, narrada testemunhalmente, a única fonte para o evento. A compreensão atual é que o testemunho deve ser preservado, junto e ao lado, das descrições e explicações históricas objetivas. A soma de ambos contribui para o estabelecimento de uma representação do acontecimento cada vez mais próxima da realidade, sem jamais alcança-la por inteiro. Na ausência de fatos ditos concretos, deve-se aceitar a palavra do testemunho, como acontece no testemunho jurídico.²³

A transcrição de sua fala oral para a escrita é feita por alguém letrado, solidário com a testemunha, que lhe dá voz, apresentando-a e introduzindo-a na sociedade letrada. Ela não fala pela testemunha, mas deixa que ela mesma fale por si.²⁴ Isso é importante para entender o processo de *transcrição e transmissão* do testemunho, feito por alguém na qualidade de escritor-mediador, que deseja conhecer e dar a conhecer a realidade ou experiência de vida da testemunha.²⁵ Em sua Tese de Doutorado: *Testimonios autobiográficos de mujeres indígenas en el ámbito hispano-americano*,²⁶ Niéves Gómez detalha o trabalho do escritor-mediador do testemunho com um exemplo concreto. Conforme ela, a ideia é buscar as semelhanças compartilhadas, entre mulheres indígenas, mesmo habitando em lugares distintos, e nascidas em culturas e possuindo histórias diferenciadas umas das outras. As três características são: alguém que fala desde a participação nos eventos narrados; a necessidade e disposição de documentar a realidade vivida a partir dos testemunhos dados diretamente, ou através de um escritor-mediador, onde são reunidos elementos epistêmicos-metodológicos das diversas ciências humanas: antropologia, história, literatura, sociologia, política, pedagogia, etc; o limite entre ficção e realidade na medida em que o testemunho é dado, traduzido e transmitido. O testemunho, ainda que individual, é examinado dentro de uma realidade holística que o situa nas relações históricas, sociais e políticas, seja no passado dos acontecimentos, seja no presente da enunciação. Desse ponto de vista, a escolha das testemunhas atende a dois aspectos.

²² ACHÚGAR, 2002, p. 71, 74-77.

²³ BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 24-26; RANDALL, Margareth. “Que es, y como se hace un testimonio?” In: BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 38, 39; DAVIDOVICH, 2014, p. 59-66.

²⁴ ACHÚGAR, 2002, p. 68-70.

²⁵ RANDALL, 2002, p. 33-57.

²⁶ GÓMEZ, Nieves Yaiza Marrero. “Testimonios autobiográficos de mujeres indígenas en el ámbito hispanoamericano”. Tese doctoral apresentada em Universidad de las Palmas de Gran Canaria, 2015, p. 9-22.

Primeiro: pretende dar visibilidade a uma população que foi colocada à parte ou homogeneizada nos programas desenvolvimentistas que tiveram lugar na América hispânica nos anos de 1960 a 1980. Segundo: atender à exigência da globalização atual, que reinsere as populações locais, raciais ou étnicas, no processo econômico desenvolvimentista global, que carece de novos consumidores para a sua produção em massa. Comum a ambos os processos de desenvolvimento é a inserção dos povos indígenas na cultura dominante, de caráter literário, com a conseqüente perda da cultura de oralidade. O resultado é a perda da própria identidade em troca de uma identidade estranha. O testemunho permite, senão reverter esse processo, pelo menos introduzir uma boa dose de consciência crítica com a revalorização das tradições orais e seu papel na formação da identidade local.

Portanto, a questão fundamental no testemunho é o quanto ele é representativo da realidade *do subalterno*: o submisso, dependente, subordinado, servil ou menor. No passado, o testemunho de subalternos foi adotado por movimentos sociais, intelectuais e religiosos à esquerda do espectro social e político latino-americano: partidos políticos, organizações sociais, Comunidades Eclesiais de Base e, também, a parte liberal e socialista da Academia norte-americana, que pretendiam dar representatividade política a populações que estavam à margem da participação na sociedade e no Estado, do qual o testemunho de Domitila Chungara é um exemplo.

Passadas essas condições históricas, o testemunho perdeu seu protagonismo político e foi desmobilizado. No presente, o testemunho é situado na orientação pós-moderna ocidental das metanarrativas universais para as pequenas narrações individuais e locais. Nessa dinâmica, o testemunho surge como a arena onde se desenvolvem as questões políticas e sociais da contemporaneidade, onde tudo se descreve como cultura e interpretação, favorecendo a multiplicidade e heterogeneidade das experiências culturais. Nesse caso, o testemunho é uma estética discursiva que promove o contato direto com a realidade sem, necessariamente, possuir algum efeito de realidade ou de verdade. Portanto, incapaz de qualquer ressonância ética e política para as mudanças e transformações sociais de que necessitam as testemunhas.²⁷

Tudo indica, então, que acabou o tempo do testemunho. Mas, isso está longe da realidade e da necessidade do testemunho nos dias de hoje. Abandonados os usos discursivos ultrapassados, e renovados o tipo de conhecimento e de representatividade provido pelas testemunhas, que são as novas vozes que enfrentam o momento de alienação, marginalização e exclusão atuais, o testemunho serve para ordenar:

um novo marco teórico anticolonial/anticapitalista, que assegure o reordenamento das relações sociais alienantes do mundo contemporâneo, onde os sem voz (o poder da voz) tenham uma segunda oportunidade discursiva e de (auto) representação no plano

²⁷ BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 26-28; Benítez, “The moment of testimonio is over”: problemas teóricos y perspectivas de los estudios testimoniales”, 51.

social e do conhecimento, e onde o real-cotidiano esteja precisamente no encontro solidário e de correalização com a outriedade.²⁸

Ainda hoje, o testemunho busca outros contextos, outros sujeitos e outros objetivos políticos a alcançar. Ele ainda retém a capacidade de falar e narrar do encontro da pessoa com as:

experiências do corpo que sofre com a fome, com algo que resiste à simbolização da narrativa, e que apesar de tudo, apesar dela própria, a narrativa revela [...] na continuidade de uma política de escuta desses corpos sentindo dor e com fome, que continuamos tendo que atestar.²⁹

Os novos subalternos são os povos indígenas que antecederam, e até sobreviveram, ainda que assimilados, à colonização espanhola e portuguesa, na América Latina, dando voz a seus sentimentos e preservando seus traços culturais, trazendo uma contribuição mais complexa para o fenômeno do testemunho ao apontar para a sua diversidade e riqueza histórico-cultural.³⁰ São os grupos marginalizados e excluídos das grandes cidades, descartando uma narrativa que fale por eles ou em nome deles, em favor do “olhar de dentro, do próprio excluído, de onde deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-o assim agente da sua própria história”,³¹ criando uma escritura de testemunho, onde o próprio grupo excluído narra sua história focado em seu contexto e cotidiano. São as mulheres que vivenciaram o período da ditadura militar, na Argentina, entre os anos de 1976 a 1983, sobreviventes da luta armada revolucionária, presas pela ditadura militar, vítimas de violações, torturas e vexações sexuais de seus torturadores, mostrando como essas mulheres, específica e individualmente, constroem suas subjetividades, no presente, a partir das memórias das experiências vividas nesse tempo, apelando para a criação de uma comunidade empática na sua recepção “dos sentimentos, emoções e sofrimentos, e não somente a ‘verdade’ ou falsidade dos fatos narrados”.³² São as mulheres indígenas de países diversos da América hispânica, a partir de várias histórias ou testemunhos de vida para dar voz “aos habitantes mais marginalizados e oprimidos: os povos indígenas”,³³ no intuito de compreender melhor “a realidade histórica que rodeia todas aquelas mulheres indígenas oprimidas e ignoradas, não apenas entre os seus, mas também pela classe dominante”.³⁴

²⁸ BENÍTEZ, Hans M. Fernández. Testimonios indígenas conosureños: convivencias excluyentes? *Kamchatka, Revista de Análisis Cultural*, Número especial, p. 393-406, 2015, p. 68. Tradução livre do autor.

²⁹ PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: Notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, Memória, Literatura*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 345, 346.

³⁰ BENÍTEZ, 2015, p. 394.

³¹ BRANDILEONE, Ana Paula Franco; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. *Navegações*, v. 7, n. 1, p. 23-30, 2014, p. 26.

³² DAVIDOVICH, 2014, p. 8.

³³ GÓMEZ, 2015, p. 9.

³⁴ GÓMEZ, 2015, p. 10.

2. Seria o Evangelho de Marcos uma literatura de subalternos?

A literatura de testemunho aborda os testemunhos como narrativas de vida de pessoas que falam a partir de si para os outros, enquanto porta-vozes de uma coletividade, cujas condições de vida são pouco significativas, importantes ou suficientes para chamar a atenção. Eles falam de seu modo de ver o mundo, de como se localizam em relação a ele, e seus testemunhos são uma autoapresentação para aqueles fora do seu mundo. No que diz respeito ao Evangelho de Marcos, o testemunho sobre Jesus de Nazaré é parte da apresentação desse mundo e das vidas das suas testemunhas, sendo ele mesmo a imagem de como entendem as suas expectativas e esperanças quanto às próprias condições de vida. O texto marcado é uma literatura de subalternos, um livro de transcrição de testemunhos das vidas vividas por pessoas em condições de invisibilidade, preconceito, e rejeição, ao mesmo tempo que, sendo visibilizados pelos testemunhos, exigem de quantos os leem a solidariedade, o comprometimento e a aceitação do seu modo de ser e de viver, igualmente, de crer. Destacamos as principais convergências entre a literatura latino-americana de testemunho e a obra testimonial marcada.

Oralidade. A oralidade é o lugar discursivo apropriado ao testemunho e, no caso de culturas onde a fala se sobrepõe à escrita, é o único e o mais fundamental, como no caso do testemunho latino-americano. Não era diferente no caso do público que acompanhava a Jesus vindo da Galileia, da Judeia, Jerusalém, Idumeia, além do Jordão, dos arredores de Tiro e de Sidom, de Betsaida, da Decápolis (Mc 3,7-8). Essas pessoas viviam uma vida arraigada no campo, em pequenos vilarejos e aldeias, e em umas poucas cidades. Na Galileia e arredores, de 90% a 95% da população era iletrada. Sua comunicação era prevalentemente oral-aural. A atividade de Jesus foi nesse ambiente cultural. Usualmente, ele dizia: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mc 4,9). Durante sua missão, e após sua partida, as pessoas falaram e ouviram histórias acerca dele, gerando uma ampla rede de testemunhos.

O público não apenas ouvia os testemunhos, também reagia a eles. De modo que eles eram adaptados ao perfil do público ouvinte, multiplicando os modos da performance. As histórias eram compartilhadas, nivelando a todos. Havendo uma identificação do grupo com o testemunho dado através da história, formavam-se as congregações. Elas adicionavam à história testemunhada o seu próprio testemunho, agregando mais e mais pessoas, fazendo do testemunho cada vez mais grupal, e menos individual. Quem quisesse saber algo sobre Jesus, deveria ouvir os testemunhos. Conforme lugares e congregações fossem se formando, também eram reunidos agrupamentos de testemunhos encadeados uns aos outros, formando complexos testemunhais. Na congregação, as pessoas intensificavam seus laços de participação nas narrativas que contavam umas para as outras. Construía um testemunho comum que se tornava um conhecimento participado por todos, produzindo um cosmos para se viver, e um modo de vida nele, resultando uma prática e uma mensagem: “a estória

oral-aural não conduz primariamente informação histórica; ela dá significado e poder para um modo de vida, para um cosmos que se torna real na performance”.³⁵

A transmissão oral-aural de episódios individuais foi menos controlada do que aquela que dependia da sanção dos guias e das congregações. Ela sugere uma etapa anterior à fixação de tradições orais para os testemunhos individuais. Devemos crer em uma cadeia de transmissão oral informal, flexível, plástica, e aberta a um sem-número de testemunhos. Ainda assim, retendo o controle do conteúdo: o enredo da história não podia ser mudado, mas os detalhes eram mais livres e mais sujeitos a variações, adições e subtrações. Dentro do conteúdo, temos as narrativas de acontecimentos e de pessoas importantes ou representativas para a comunidade local. A hipótese de Kenneth Bailey parece correta quando diz que até o levante da guerra judeo-romana, nos anos de 70, as congregações cristãs cultivaram uma transmissão oral controlada informal dos testemunhos sobre o Ungido Jesus de Nazaré. Com a guerra, boa parte das aldeias onde estavam as congregações foi destruída, obrigando seus habitantes, inclusive os cristãos, a se deslocarem. Onde se assentaram, de novo, o processo de transmissão oral foi continuado por seus membros que ainda retinham na memória os testemunhos originais.³⁶

Um testemunho oral era dado a partir da fala de alguém a outrem que, por sua vez, passava adiante, perpetuando uma cadeia testemunhal. Essa transmissão pode ser de indivíduo para indivíduo, havendo grande liberdade de forma e de conteúdo, tanto para quem o transmite, quanto para quem o recebe. Também, pode ser dentro de um grupo, onde alguém é nomeado para transmiti-lo sob regras pré-estabelecidas, com um controle mais rígido, ou mais flexível, para que ele seja mantido na forma como foi recebido na congregação. Em ambas as circunstâncias, pode haver perdas ou adições ao testemunho recebido originalmente, de sorte que há grande possibilidade de várias versões de um mesmo testemunho, mesmo diante de uma tradição escrita fixada. Todavia, não se pode ignorar o próprio esforço dos participantes da cadeia testemunhal em fortalecer a capacidade de atenção e retenção do testemunho, criando mecanismos de controle e reduzindo o tempo entre uma transmissão e outra.³⁷

O modelo, temos na carta aos Hebreus. A ênfase é na transmissão formal do testemunho acerca da salvação, que tem sua origem em Jesus, é passada a seus apóstolos, que é transferida para os guias da congregação de hebreus, e que, espera um desses guias que lhes fala, seja transmitida pelos hebreus para adiante.

Primeiro, o próprio Senhor Jesus anunciou essa salvação; e depois aqueles que a ouviram nos provaram que ela é verdadeira. Ao mesmo tempo, por meio de sinais de poder, maravilhas e muitos tipos de

³⁵ DEWEY, Joanna. The Gospel of Mark as an Oral-Aural Event: Implications for Interpretation. In: MCKNIGHT, Edgar V.; MALBON, Elizabeth Struthers. *The New Literary Criticism and the New Testament*. Pennsylvania: Trinity Press, 1994. p. 152.

³⁶ BAILEY, Kenneth. Informal Controlled Oral Tradition and the Synoptic Gospels, *Themelios*, v. 20, n. 2, 1995, p. 8, 9.

³⁷ VANSINA, Jan. *La Tradición Oral*. Barcelona: Editorial Labor, 1966, p. 36, 93.

milagres, Deus confirmou o testemunho deles. E, de acordo com a sua vontade, distribuiu também os dons do Espírito Santo (Hb 2,3- 4).

Assim, o procedimento testemunhal oral foi continuado durante a transcrição e edição do texto marcano, e, mesmo, após a sua publicação. O texto marcano preserva ambos os modelos de transmissão: formal e informal. Os episódios discursivos ou de debates sugerem uma transmissão coletiva, formal e controlada. Os episódios narrativos individuais apontam para uma transmissão individual, informal e flexivelmente controlada. Esses configuram o texto escrito marcano como reprodutor do ambiente oral-aural do seu público. Marcos, viajando por esses lugares, teve acesso aos testemunhos. Ele os coletou, e os conectou uns a outros em um plano narrativo que foi do batismo de Jesus até sua ressurreição. Sua opção foi manter a performatividade dos testemunhos, isto é, a recitação oral-aural. Esta é disposta na forma de histórias faladas para um público ouvinte, semelhante a: “um *performer* oral que tinha ouvido a estória lida em voz alta, ou ouviu a estória performada, quem tornava a recontar a estória em interação com um grupo de ouvintes”.³⁸

O modo de adentrar ao complexo testemunhal do texto marcano é observando os relatos nas suas peculiaridades de memória e de performance, portanto, de oralidade. Contavam-se as histórias sobre Jesus para preservar e perpetuar as lembranças sobre quem ele foi e o que ele fez. Isso impedia que ele caísse no esquecimento, possibilitando a contínua celebração da sua presença. O modo de fazê-lo era através da apresentação oral dramática, diante de um público, de forma direta e espontânea. A performance não era apropriada para o espaço da leitura privada e isolada de pessoas letradas, mas para ambientes públicos e de uma audiência que queria se ver reconhecida e identificada enquanto acontecia a execução. Por meio dela, a realidade performada na história testemunhada readquiria sua vida e seu poder de reproduzir os mesmos efeitos sobre os sentimentos, pensamentos e ações do público.

Representatividade e exemplaridade. O testemunho latino-americano destaca uma vida das demais para representa-las: falar no lugar delas, e servir-lhes de exemplo: propor uma conduta e encorajar a cumpri-la. Há, portanto, um fim pragmático ou utilitário, além de ético e estético: usar as vidas como meio de educação e formação de outras pessoas.³⁹ À parte da historiografia antiga, biógrafos não profissionais se dedicaram à elaboração de *bioi* ou vidas de pessoas próximas, e que tinham algo a dizer devido algum aspecto singular de suas vidas que as tornavam representativas e exemplares. Peter M. Head sugere que: “Neste contexto, e encorajado por esse tratamento de informantes oculares, seria importante outro olhar sobre a questão tradicional da autoria dos Evangelhos”.⁴⁰ Ao escrever seu evangelho, o Autor de

³⁸ DEWEY, 1994, p. 145.

³⁹ YÚDICE, 2002, p. 61, 62, 70-74.

⁴⁰ HEAD, Peter M. The role of eyewitnesses in the formation of the gospel tradition. A review article of Samuel Byrskog, *story as history – history as story*, *Tyndale Bulletin*, v. 52, n. 2, p. 294. Head menciona os seguintes exemplos, dentre outros: A vida de Evágoras, por Isócrates; A vida de Eurípedes, por Sátilo; A vida dos céсарes, por Suetônio; A vida de Demonax, por Luciano; A vida de Apolônio de Tyana, por Filostrato.

Marcos compôs uma *bioi* ou vida de Jesus usando, para isso, da familiaridade com pessoas que puderam dar testemunho sobre ela. Podemos atribuir a elas as mesmas características de representatividade e exemplaridade, e sua funcionalidade de educação para a formação de vida. Cada testemunho bem poderia ser a experiência vivenciada por muitas outras pessoas, e repetida muitas vezes. Afinal, não foi apenas um gadareno possuído, uma mulher hemorrágica, e uma menina ressurreta, cujos testemunhos reverberam na narrativa marcana. Assim, cada testemunho remetia a muitos outros e falava por todos eles. Por fim, quando chegaram a ser coletados pelo transcritor-editor, os testemunhos de vida não somente falavam de um acontecimento passado, mas eram porta-vozes da vida de todos, em congregações cristãs que se sentiam representadas e se faziam representar neles. Qualquer um poderia dizer: eu sou aquele gadareno possuído, aquela mulher hemorrágica, aquela criança à beira da morte e, igualmente, seria formado para tornar-se, por sua vez, testemunha de Jesus de Nazaré.

Falar pelo Outro e o efeito de realidade e verdade. O texto marciano não traz um testemunho só, porém muitos testemunhos. Não apenas uma testemunha, mas uma infinidade delas. Eles não foram restritos a uma única área geográfica, mas uma região razoavelmente ampla e diversificada. Após coletados, foram transcritos e, finalmente, editados para um público amplo. Nessa atividade, a obra marciana traz as marcas da relação dinâmica entre um transcritor-editor e as testemunhas, que preserva as peculiaridades e as intencionalidades de cada testemunho, ao mesmo tempo em que os reelabora conforme sua intenção maior: divulgar a Jesus de Nazaré. Seu empenho foi deixar que as testemunhas falassem seu testemunho, do modo mais fiel, plausível e verídico ao seu alcance, conservando as próprias condições locais de enunciação. Nesse ponto, sua habilidade foi manter a originalidade dos testemunhos, antes que modificá-los em função de algum parâmetro ou preferência privada. Mantendo, assim, a proximidade da realidade vivida pelas testemunhas em seus relatos, sustentando um retrato coerente de Jesus.

Agindo desse modo, a perícia marciana obteve o desejado efeito de verdade para a sua obra. Esta consistiu em recolher testemunhos, certamente falados na língua aramaica, ou na língua grega, bastante disseminada na região, e deixar que as testemunhas dissessem de seu encontro com Jesus de Nazaré, oferecendo algo como um pano-de-fundo para que elas pudessem falar. Ao mesmo tempo, sua perícia também repercutiu na sua intencionalidade: ele pretendia divulgar a boa mensagem de Jesus de Nazaré, o Ungido Filho de Deus. Isso implicava submeter os testemunhos ao escrutínio, juízo e decisão dos ouvintes. Isso já ocorria nos testemunhos em seus ambientes originais. Agora, se tratava de apresenta-los a um público maior. Quanto mais testemunhos pudesse recolher, e quanto melhor os apresentasse em um relato plausível, mais garantidas as possibilidades de aceitação e convencimento dos seus leitores-ouvintes. Esse efeito, por sua vez, promoveu outro efeito de solidariedade, apelando ao público, uma vez convencido da verdade dos testemunhos, para que se colocasse com e ao lado das testemunhas, cooptando-o para a sua realidade de vida, e para isso bem serviu manter as situações reais de vida nas quais os testemunhos foram originalmente coletados.

Da realidade do Outro como subalterno. No ambiente perturbador da região rural síria-galilaica de meados do século I, as congregações cristãs cujos indivíduos eram desprezados, rejeitados e mantidos à margem na estrutura social, política e religiosa da sociedade palestinese estratificada, estavam construindo um mundo novo que aguardava a manifestação do Filho do Homem, o Elias e o Davi que havia de vir. O sermão final de Jesus de Nazaré, no capítulo 13, de Marcos, é o testemunho final dessa expectativa, o testemunho que reúne e resume todos os testemunhos.

Cada encontro testemunhado com Jesus de Nazaré era evidência da consciência de um conflito que precisava, necessariamente, de um juízo para que tivesse fim. Ao mesmo tempo, cada encontro referia a um benefício recebido de Jesus de Nazaré que apontava exatamente para o que se esperava após o dia do juízo: o bem-estar de todos. O convite para o Reinado de Deus era para onde tendia todo testemunho, e era para onde dirigia qualquer um que o recebesse na firme confiança em Jesus de Nazaré, como o Ungido Filho de Deus.

O texto marcano é uma literatura de testemunho de subalternos, testemunhos das vidas vividas por pessoas em condições de submissão, dependência e servilismo. Suas condições de vida eram pouco significativas, importantes ou suficientes para chamar a atenção de qualquer pessoa. Até mesmo para ter algum interesse neles. Impressiona a fragilidade e insignificância histórica das testemunhas, em termos da representatividade social, política e econômica, até mesmo pública. Ao dar testemunho, elas falavam de seu próprio mundo, do seu modo de vê-lo, e de como se localizavam em relação aos de fora dele. Seus testemunhos eram uma autoapresentação coletiva para outros tantos que os ouvissem, exigindo um juízo: rejeição ou identificação. Ao mesmo tempo, os testemunhos as tornavam visíveis, exigindo de quantos os ouviam e liam a solidariedade, o comprometimento e a compreensão do seu modo de ser e de viver, igualmente, de crer.

Um exame da caracterização dos personagens aponta para isso. Elizabeth S. Malbon divide o agrupamento de personagens em dois: personagens principais (*major characters*) e personagens secundários (*minor characters*). Os personagens principais são: os Doze discípulos, como seguidores falíveis de Jesus, e os líderes religiosos, como seus adversários. Os personagens secundários são todos aqueles que aparecem no *continuum* da narrativa, sem uma presença costumeira e ininterrupta. Paradoxalmente, são estes personagens que dão a sequência necessária à narrativa permitindo a sua evolução.

Eles, ao lado dos personagens principais, estendem o *continuum* das respostas potenciais a Jesus em um modo ilimitado, provendo comparações e contrastes implícitos para a narrativa com as respostas dos personagens continuados e costumeiros e oferecem uma ponte desde os personagens (internos) para a audiência implícita (limítrofe). [...] onde a audiência implícita deve fazer uma pausa, refletir e conectar.⁴¹

⁴¹ MALBON, 1994, p. 61.

A correlação entre os testemunhos e a configuração social das testemunhas mostra, segundo Rohrbaugh, que estas provêm de agrupamentos de indivíduos degradados, impuros e dispensáveis, das áreas urbanas, para qual o Evangelho seria, realmente, uma boa nova. A estes, reuniram-se os habitantes das áreas rurais, que chegaria ao montante de noventa por cento da população em geral. Estes viviam do plantio e da extração, e exerciam funções como: pequenos proprietários de terra, arrendatários, trabalhadores diaristas, escravos, e grupos não ligados à terra, como: pescadores, artesãos e artífices, trabalhadores itinerantes, e as multidões que seguiam a Jesus. Rohrbaugh demonstra que:

O modo particular de Marcos contar sua história implica um grupo de leitores que celebravam as vitórias do fraco e as derrotas do forte e que se viram espelhados nos personagens da história e dos eventos que os subjugarão nos dramas de suas próprias vidas.⁴²

Esses personagens-testemunhas de curas são: a sogra de Pedro (1,29 e 31); o leproso (1,40 e 45); o paraplético (2,1 e 12); o homem de mão seca (3, 1 e 6); a filha de Jairo (5, 21 e 24. 35 e 43); a mulher com hemorragia (5, 25 e 34); a siro-fenícia (7, 24 e 30); o surdo-mudo (7,31 e 37); o cego de Betsaida (8, 22 e 26); o cego Bartimeu (10, 46 e 52). E os personagens-testemunhas de exorcismos são: o homem da sinagoga de Cafarnaum (1, 32 e 34); o geraseno (5, 1 e 20); o menino convulsivo (9, 14 e 29). Através desses testemunhos adentramos nas condições de vida das testemunhas e, mais além, no mundo no qual e desde o qual elas experimentavam suas vidas, obtinham suas intuições acerca da realidade e de Deus, formavam seu senso de justiça, esperança, e constituíam a crítica da sociedade do seu tempo e de como gostariam de ver e de ser vistos por ela e nela. O mérito do Evangelho de Marcos é deixar que elas falem por si mesmas enquanto vai costurando o enredo da vida de Jesus ao redor desses testemunhos.

Conclusão

O modo como a literatura latino-americana aborda o testemunho permite que pessoas anônimas falem de seu cotidiano por meio de pequenas narrativas. Através delas, essas pessoas deixam-se ver e a realidade na qual vivem. Não somente isso, mas a partir do testemunho, elas comunicam suas intuições mais fundamentais sobre a realidade e a vida, ainda que não devidamente formalizadas. Propriamente, o testemunho inclui certa crítica da realidade apelando para um senso de justiça alimentado por uma esperança que, antes de promover a fuga, estimula a luta para a transformação das condições de vida, quando estas são difíceis, ou para a preservação do que é julgado bom, belo e justo. Essa comunicação de experiências é terreno fértil para a compreensão de suas vidas, seus lugares de vida, gerando um conhecimento que, hermenêuticamente trabalhado, permite a construção de uma Teologia narrativa que compartilha este saber intuitivo na forma de conhecimento de Deus na vida das

⁴² ROHRBAUHG, Richard. The social location of the markan audience, *Interpretation*, v. XLVII, n. 4, 1993, p. 393.

peçoas. Ao ouvir o Outro, deixando que ele fale, o testemunho latino-americano promove a solidariedade de quem ouve. Primeiro, ao situar o ouvinte nas condições de vida testemunhadas, as quais ele pode identificar em sua realidade, tornando-a comum à do \outro falante. Segundo, ao sensibilizar o ouvinte de modo a movê-lo à imitação da ação da testemunha naquilo que ela mesma propõe como mudança de sua própria realidade de vida.

Esse modo de uso do testemunho é bastante pertinente para a aproximação do Evangelho de Marcos. Ele é uma transcrição de testemunhos de vidas vividas por pessoas em certas condições de invisibilidade, preconceito e rejeição, vivendo fragilmente uma insignificância histórica em termos da representatividade social, política e econômica, até mesmo pública. Cada encontro testemunhado com Jesus de Nazaré evocava um senso de justiça que precisava, necessariamente, da esperança de um juízo para que as duras condições de vida tivessem fim. Ao mesmo tempo, cada encontro testemunhava um benefício recebido de Jesus de Nazaré que apontava exatamente para o que se esperava após o dia do juízo: o bem-estar de todos. Todavia, a esperança testemunhada não era lançada para um além vindouro, mas se realizava no concreto das condições de vida, chamando à solidariedade de todos os que dela participavam, como visava criar solidariedade com aqueles que, ouvindo os testemunhos, penetravam na mesma realidade a partir da mesma fé participada em Jesus de Nazaré. As pequenas libertações providas pelas curas e exorcismos produziam o anseio por mais libertações até que a libertação total fosse o testemunho comum de todos.

Referências

BAILEY, Kenneth. Informal Controlled Oral Tradition and the Synoptic Gospels, *Themelios*, v. 20, n. 2, p. 4-11, 1995. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/353281537/Article-Kenneth-Bailey-Oral-Tradition-Synoptic-Gospels>>.

BENÍTEZ, Hans M. Fernández. “The moment of testimonio is over”. Problemas teóricos y perspectivas de los estudios testimoniales, *Íkala. Revista de Linguagem e Cultura*, v. 15, n. 24, p. 47-71, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v15n24/v15n24a3.pdf>>.

BENÍTEZ, Hans M. Fernández. Testimonios indígenas conosureños: convivencias excluyentes? *Kamchatka, Revista de Análisis Cultural*, Número especial, p. 393-406, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/71056228.pdf>.

BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo. *La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidade y Verdad Narrativa*. 2. ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. *Navegações*, v. 7, n. 1, p. 23-30, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/14250/11958>>.

DAVIDOVICH, Karyn. “Memorias en femenino: Testimonios de mujeres sobrevivientes de la dictadura argentina”. Tesis de doctorado. Nashville: Graduate School of Vanderbilt University, 2014. Disponível em: <<http://etd.library.vanderbilt.edu/available/etd-09192014-102046/unrestricted/Davidovich.pdf>>.

DEWEY, Joanna. The Gospel of Mark as an Oral-Aural Event: Implications for Interpretation. In: MCKNIGHT, Edgar V.; MALBON, Elizabeth Struthers. *The New Literary Criticism and the New Testament*. Pennsylvania: Trinity Press, 1994. p. 145-163.

GÓMEZ, Nieves Yaiza Marrero. “Testimonios Autobiográficos de Mujeres Indígenas en el Ámbito Hispanoamericano.” Tesis de doctorado, Las Palmas: Universidad de las Palmas de Gran Canaria, 2015. Disponível em: <https://acceda.ulpgc.es/bitstream/10553/18667/4/0721434_00000_0000.pdf>.

HEAD, Peter M. The role of eyewitnesses in the formation of the gospel tradition. A review article of Samuel Byrskog, *story as history – history as story*, *Tyndale Bulletin*, v. 52, n. 2, p. 275-294, 2001. Disponível em: <http://www.tyndalehouse.com/tynbul/library/TynBull_2001_52_2_07_Head_GospelEyewitnesses.pdf>.

MALBON, Elizabeth Struthers. The Major Importance of the Minor Characters in Mark. In: MCKNIGHT, Edgar V.; MALBON, Elizabeth Struthers. *The New Literary Criticism and the New Testament*. Pennsylvania: Trinity Press, 1994. p. 58-96.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: Notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, Memória, Literatura*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 297-350.

RODRÍGUEZ, Adlin de Jesús Prieto. Del Testimonio a la Autobiografía. Ángela Zago y su proyecto de escritura. Trabajo de Grado, Miranda: Universidad Simón Bolívar, 2007. Disponível em: <<http://159.90.80.55/tesis/000137670.pdf>>.

ROHRBAUHG, Richard. The social location of the markan audience, *Interpretation*, v. XLVII, n. 4, p. 380-395, 1993.

SELIGMANN-SILVA, Márcio Orlando. O Local do Testemunho, *Tempo e Argumento*, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1894/1532>>.

VANSINA, Jan. *La Tradición Oral*. Barcelona: Editorial Labor, 1966.

VIEZZER, Moema. “*Se me deixam falar...*” 15. ed. São Paulo: Global, 2003.

YÚDICE, George. Testimonio y Conscientización. In BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo. *La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidade y Verdad Narrativa*. 2. ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002. p. 221-242.